

# TERRITORIALIDADES ESCOLARES: ENSAIO A RESPEITO DAS DINÂMICAS ESPACIAIS DE UM COLÉGIO

*Data de submissão: 01/03/2024*

*Data de aceite: 01/04/2024*

**Leonardo dos Reis Mendonça**

## SCHOOL TERRITORIES: ESSAY OF THE SPATIAL DYNAMICS IN A SCHOOL.

**RESUMO:** As instituições sociais se consolidam a partir de diferentes relações de poder. Foucault, em sua microfísica do poder, analisa as relações estabelecidas entre o manicômio, a prisão e a escola. A escola, como instituição, nos permite revelar diferentes relações: professores, alunos, funcionários, etc. A relação entre os diferentes grupos de uma escola revela, a partir das relações de poder, diferentes territorialidades. Neste ensaio, tomando como exemplo o espaço do colégio Santa Cruz, a análise busca compreender a relação entre os diferentes grupos com os seus espaços, assim demonstrando o modo como as diferentes territorialidades estabelecem uma relação entre espaço, grupos sociais e poder. O espaço da escola é um espaço em conflito e em disputa, a maneira pela qual cada grupo se apropria desses espaços segundo sua territorialidade, revela interessantes dinâmicas para pensar certos conflitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Territorialidade, Paisagem, Escola, Poder.

**ABSTRACT:** To reveal different relationships: teachers, students, staff, etc. The relationship between the different groups in a school reveals, based on power relations, different territorialities. In this essay, taking the space of Colégio Santa Cruz as an example, the analysis seeks to understand the relationship between different groups and their spaces, thus demonstrating the way in which different territorialities establish a relationship between space, social groups and power. The school space is a space in conflict and dispute, the way in which each group appropriates these spaces according to their territoriality reveals interesting dynamics for thinking about certain conflicts.

**KEYWORDS:** Territoriality, Landscape, School, Power.

## INTRODUÇÃO

As discussões que se seguem fazem parte do conjunto de reflexões que pude realizar com foco na questão das territorialidades e paisagens do colégio Santa Cruz. Neste sentido, tomamos como princípio desta reflexão duas categorias de ordem geográfica. Estas nos permitem perscrutar em profundidade o modo como as relações se materializam no espaço através de seus lugares de convivência e passagem, a destacar: a partir de seus fixos e fluxos.

Em relação ao tempo empregado, e para o nível de reflexão desejado, tomamos como princípio uma descrição do colégio, sem necessariamente recorrer ao uso técnico ou teórico da cartografia, apenas destacando os espaços de convivência: suas posições, relações e símbolos no espaço.

Pensar a territorialidade assim como as relações presentes na paisagem, nos permite, como geógrafos e educadores, a apreensão da dinâmica social de um espaço preñado de contradições e dominado por relações de poder que exprimem, para cada parcela do espaço um dado uso, desta forma, também representa um princípio de apreensão de uma das parcelas do que podemos considerar o espaço geográfico, ou seja: o território usado (SANTOS e SILVEIRA, 2006).

### Uma descrição do colégio

O colégio Santa Cruz está localizado no bairro: alto de pinheiros, próximo a cidade universitária. Trata-se de um colégio de alto custo, portanto, não raras vezes é associado ao termo “colégio de elite”, mesmo que não se faça as devidas considerações para o que consideramos de fato a partir do termo “elite”.

Foi fundado em 1952, por padres canadenses da ordem Santa Cruz, tratando-se, portanto, de um colégio vinculado à uma ordem religiosa, o que não coloca, contudo, como princípio, a religião como uma das condições de ingresso ou convivência, apesar de que, simbolicamente, esta faz parte dos diversos espaços de convivência.

Seu espaço ocupa os dois lados de um quarteirão, possuindo acesso tanto pela avenida Arruda Botelho (entrada principal), quanto pela rua Orobó. Seu bairro hipervalorizado torna-se espaço de convivência das mais diversas classes, o que inclui tanto os moradores locais, de classes mais abastadas, quanto os trabalhadores que se deslocam das zonas periféricas. A boa urbanidade garante ao longo da paisagem uma série de infraestruturas tais como: praças de diferentes dimensões (tanto de bairro quanto maiores como a praça vila lobos), espaços para exercício físico, áreas verdes, longos canteiros, presença de policiamento e segurança privada, ciclovias, lanchonetes, proximidade com estação de trem (cidade universitária), shopping center (shopping vila lobos), mercados (extra), entre outros.

Do ponto de vista das infraestruturas (fixos), seguindo a tendência da região, possui amplos aparatos técnicos-educativos: biblioteca de grande porte, acesso à internet para todo o espaço do campus, computadores de última geração, projetores e slides em todas as salas de aula, sala de artes etc. Um conjunto de prédios caracteriza a paisagem escolar. O prédio principal, tombado como patrimônio histórico, abriga as turmas de ensino médio, outros prédios caracterizam: o teatro, com um espaço digno de boas apresentações (longas fileiras de poltronas); o prédio do ensino fundamental e primeiros anos (jardim de infância até o nono ano); o prédio da biblioteca, que, sendo mais recente, traz consigo, uma arquitetura representativa de nosso período técnico-científico, com longos painéis espelhados.

Do ponto de vista da fluxos, os alunos possuem liberdade de trânsito entre todos os espaços do colégio, apesar de que, pela coação, acabam valorizando mais alguns espaços do que outros. O princípio pedagógico do colégio permite que os alunos selecionem os dias e as aulas que desejam assistir, partindo do princípio de que estes devem assumir a própria responsabilidade destas escolhas, assim, colocam como fundamento que a observância do próprio desempenho escolar parte, em grande medida, das escolhas pessoais de cada aluno.

Os professores são, em sua maioria, de orientação progressista e a escola assume, em grande medida um modelo pedagógico construtivista ou, simplesmente, progressista. Assumindo que a construção dos saberes se realiza em conjunto, recusando o recurso pedagógico meramente expositivo e recorrendo a diferentes formas de avaliação.

Os cursos são realizados de maneira integral, sendo que no período comum (7h25 – 13h) temos reservados os estudos do ensino médio, enquanto que no período da tarde (14h 16h45), os alunos selecionam as disciplinas optativas de seus interesses.

Os estagiários são todos oriundos da Universidade de São Paulo, seja pela proximidade entre o colégio e a instituição, seja pelo prestígio que os estudantes dessa universidade trazem para o colégio.

Para finalizar, do ponto de vista geomorfológico, o colégio se localiza em região de várzea do rio pinheiros, sendo assim podemos destacar a recorrência, ao longo dos anos, de uma série de enchentes, além da grande quantidade de mosquitos, além de um relevo de poucas variações altimétricas (planície de inundação).

## **Algumas palavras sobre o método**

Notadamente, tomamos como princípio um breve relatório e, portanto, não possuímos o espaço e nem mesmo a intenção de discorrer longamente sobre os métodos que nortearam o conjunto das observações, mesmo assim, uma breve discussão se faz necessária.

A respeito do método, selecionamos a perspectiva descritiva onde unimos o materialismo dialético histórico, simplesmente, através da perspectiva de classes, à perspectiva foucaultiana, a respeito da observação da microfísica do poder em função das territorialidades. Assim sendo, compreendemos que a microfísica do poder possui uma representação espacial dada ao longo das diversas territorialidades que, ora se confundem com uma questão simplesmente de classes, ora trazem consigo representações simbólicas de diferentes ordens, ou seja, não levamos apenas em consideração as origens e grupos de ordem de classe social, mas também, seus signos geralmente associados: formação universitária, hierarquia no colégio, raça, cultura, entre outros.

Para tanto, seguindo os princípios da discussão metodológica, buscaremos, ao longo do texto, esclarecer os princípios norteadores das teorias e métodos que fundamentaram nossas observações através das referências e discussões.

## **Territorialidade e colégio**

As territorialidades são expressões da própria existência. O simples fato de existir produz territorialidades, que não devem ser confundidas com território, mas que também, são inerentes à esta segunda categoria. Num nível amplo de abordagem podemos compreender que a territorialidade existe em função com a identificação com o espaço geográfico, aqui definido também como território usado. (SANTOS e SILVEIRA, 2006).

“Por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada. Mas o sentido da palavra territorialidade como sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence... este sentido de exclusividade e limite, ultrapassa a raça humana e prescinde da existência do Estado. Assim, essa ideia de territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio do homem.” (SANTOS e SILVEIRA, 2006, pág. 19).

A preocupação com o destino é privilégio da categoria homem, isso, antes de tudo, significa que o homem, diferente dos animais, se projete nos espaços, o constrói a partir do princípio das próximas gerações, dos legados que deixará aos que chegam novos ao mundo, trata-se assim sempre da possibilidade de construir o novo, se apropriar das ideias e aflorar, a princípio, um mundo melhor, ou, simplesmente garantir um projeto qualquer, sejam estes os mais contraditórios possíveis.

Este pensar com o futuro não se desenrola sem que o passado nos surja como um verdadeiro fantasma a nos perseguir, e o presente, sempre imediato, e tão logo percebido, também passado, gesta o novo futuro. É neste espaço, entre o passado e o futuro, no presente, base dos novos projetos, que surgem as diferentes territorialidades, necessariamente contraditórias e multi-escalares e multi-temporais. E necessariamente contraditórias pois, diferentemente dos limites rígidos ou quase rígidos, dos territórios nacionais, as territorialidades são sempre sobrepostas e, portanto, são também a origem de novas e velhas violências.

No espaço escolar as territorialidades surgem a partir de diferentes grupos, que não estão simplesmente incluídos unicamente a partir da classe social, mas são definitivamente condicionados por estas. No interior destes grupos surgem também diferentes territorialidades, no entanto, tendo como princípio uma análise geral iremos selecionar cinco diferentes grupos: a coordenação (administração do colégio), os professores, os alunos, os estagiários e os funcionários da limpeza e alimentação.

## Territorialidades, paisagem e grupos sociais

As territorialidades, apesar de sobrepostas, possuem certos núcleos de identificação dos diferentes grupos, isto significa que no limite entre estas territorialidades dão-se os conflitos, a maioria destes silenciosos, o que na aparência do fenômeno não representa grandes representações, enquanto que o núcleo destas territorialidades<sup>1</sup> os espaços se consolidam a partir de cada grupo social como espaço de maior identificação e proteção. Assim, passamos ao recurso da paisagem<sup>2</sup> como consideração. Estabelecemos também uma hierarquia<sup>3</sup> que leva em conta a microfísica do poder de cada grupo social, destacando também o que consideramos como poder.

“DEFINIÇÃO. — Em seu significado mais geral, a palavra Poder designa a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos. Tanto pode ser referida a indivíduos e a grupos humanos como a objetos ou a fenômenos naturais (como na expressão Poder calorífico, Poder de absorção). Se o entendermos em sentido especificamente social, ou seja, na sua relação com a vida do homem em sociedade, o Poder torna-se mais preciso, e seu espaço conceptual pode ir desde a capacidade geral de agir, até à capacidade do homem em determinar o comportamento do homem: Poder do homem sobre o homem. O homem é não só o sujeito mas também o objeto do Poder social.” (BOBBIO, MATTEUCCI, PAQUINO, 1998, pág. 933)

---

1 Estes núcleos não podem ser pensados posicionalmente em relação aos centros de cada territorialidade, ou seja, dão-se muitas vezes de modo difuso/fragmentário ou, simplesmente, em rede. O modo como se assumem estas territorialidades varia de grupo para grupo na medida em que cada um pode assumir com maior força uma dada territorialidade. Os funcionários da limpeza, em geral, possuem grande dificuldade de se impor nos espaços da coordenação, por outro lado, quando um professor se desloca até um almoxarifado qualquer a proeminência do comando, pelo menos imediata é a do funcionário da limpeza ou profissional responsável.

2 Para pensar a paisagem levamos em consideração a posição de Milton Santos, para quem: “A paisagem, certo, não é muda, mas a percepção que temos dela está longe de abarcar o objeto em sua realidade profunda. Não temos direito se não a uma aparência.” (SANTOS, 2012, pág. 23). Neste sentido a observação das territorialidades em sua dinâmica busca dotar de sentido estas aparências, tornando o espaço como um quadro vivo.

3 Pensamos a hierarquia com base na premissa da própria noção de poder, desta forma, para os grupos considerados chegamos na seguinte conclusão: coordenadores (administradores) – professores – estagiários – alunos – funcionais auxiliares (limpeza, alimentação etc.). Como funcionários da coordenação consideramos apenas a direção do colégio, e os cargos associados aos assuntos do próprio ensino, para isso deixamos de lado os funcionários da administração em geral, para os professores consideramos principalmente os professores regulares, com o recorte preciso do ensino médio, em relação aos estagiários consideramos os estagiários das disciplinas regulares de ensino médio, para os alunos os consideramos em geral, mas principalmente os de ensino médio, os funcionários auxiliares considerados em sua maioria são aqueles na função da limpeza e alimentação. São considerados auxiliares apenas no sentido de que desempenham funções importantes, mas não diretamente ligadas ao ensino.

O poder então torna-se a capacidade do agir e determinar as ações e comportamentos dos indivíduos e grupos humanos, é desta forma que pensamos o poder em relação as territorialidades do colégio. Como a capacidade de agir no sentido de determinar comportamentos e ações pensamos principalmente no modo como o poder, através das territorialidades determina os símbolos e os fluxos do colégio, além de imprimir concretamente nos objetos e espaços a sua ideologia.

A sala dos professores por exemplo, trata-se da sala mais ampla de convivência, afora aquelas destinadas ao convívio em geral, ou seja, para um único grupo, trata-se da maior sala disponível. Isto é resultado, é claro, também de um fator concreto: a quantidade de professores, mas mesmo, assim, este espaço nos garante certas interpretações em relação aos seus fluxos e objetos. Em relação aos fluxos notadamente os coordenadores e professores imperam. Os coordenadores sendo responsáveis pelo espaço integral do colégio possuem sua territorialidade precisamente nos limites do colégio e seu entorno imediato, assim, todos os espaços são afetados por suas decisões o que os coloca no topo desta territorialidade desigual e sobreposta. Os professores possuem igualmente uma territorialidade sobreposta aos espaços do colégio com exceção de alguns espaços: a coordenação, a administração dos recursos humanos e a secretária. Nestes espaços as fronteiras criadas limitam seus fluxos no sentido contrário, trata-se de uma certa propensão a evitar certos espaços. Sendo assim, o espaço de convivência maior dos professores, seu núcleo de territorialidade, trata-se justamente da sala dos professores, onde estes geralmente frequentam assim que chegam, nos intervalos e antes de ir embora. Os fluxos assim se condicionam a partir do choque de diferentes poderes e, portanto, se orientem em diferentes sentidos.

O espaço dos professores do ensino médio é, de qualquer forma, o ponto mais central, em relação à posição do colégio. Isso nos deixa um certo sentido da importância destacada aos educadores. A paisagem da sala dos professores é composta por uma ampla sala dividida em dois cômodos, um a esquerda menor, outro logo em frente à entrada, maior. À esquerda tem-se o espaço dos armários e computadores, enquanto a sala maior é destinada à convivência. Ao longo de meu estágio pude perceber as diversas relações entre os alunos e a sala. Num primeiro ponto estes a evitam em grande parte, se recusam na maioria das vezes em serem atendidos dentro daquele espaço, seus fluxos se dirigem para espaços mais distantes. Mesmo assim, a sala é ampla e possui grandes vitrais, o que permite que os professores sejam tanto observados do espaço de fora quanto observarem do espaço de dentro. Esta centralidade da sala dos professores revela em grande parte as relações de poder entre aluno e professor. Os vitrais, mais do que servir para que se observem os professores, permite que estes observem os alunos e assim impor sua presença constante na maioria dos espaços de convivência.

Os grandes vidros podem não cumprir conscientemente ou diretamente a função da vigia dos alunos, mas certamente é a representação material de uma ideologia no espaço.

“Os construtores do espaço não se desembaraçam da ideologia dominante quando concebem uma casa, uma estrada, um bairro, uma cidade. O ato de construir está submetido a regras que procuram nos modelos de produção e nas relações de classe suas possibilidades atuais.” (SANTOS, 2012, pág. 24)

Os estagiários, por outro lado, possuem uma sala menor. De fato, entre coordenação, professores e estagiários, a estes últimos está reservado o menor cômodo. Este se localiza em proximidade com a sala dos professores e da coordenação geral e de estágio. Está certamente próxima de seus olhares e assim o é para que em função de qualquer demanda de qualquer professor o estagiário esteja sempre de prontidão para assumir. Claro que essa proximidade revela o caráter também de vigia deste grupo. Nesta sala não há janelas nem ventilação, o pequeno espaço que comporta confortavelmente quatro ou cinco pessoas geralmente recebe uma dezena de estagiários mais uma soma considerável de alunos. Mesmo assim, os estagiários possuem acesso à grande parte do colégio, desta vez, em menores possibilidades que a coordenação e os professores. Neste sentido os estagiários evitam as salas da coordenação, as salas da administração (RH e secretaria), além da própria sala dos professores, onde naturalmente se sentem mais intimidados ou desconfortáveis.

Pode-se dizer que exatamente os estagiários estão na posição mais intermediária das territorialidades, o que na verdade lhe surge como uma vantagem de trânsito entre as territorialidades superiores e inferiores, no sentido de que não é nem tão distante dos grandes centros de poder e nem tão distante dos pequenos espaços de poder, o que lhe permite uma visão das mais integrais destes espaços no sentido de percebê-los e estudá-los.

Os alunos possuem acesso à grande parte do colégio, no entanto, percebidas conscientemente e inconscientemente as dinâmicas das territorialidades e, portanto, do poder no espaço, buscam evitar certos lugares, sendo estes: a coordenação, as secretarias, as salas dos professores e as salas dos estagiários. De fato, os alunos e estagiários possuem uma grande proximidade uma vez que a sala dos estagiários lhes serve como apêndice em plantões de dúvida. No entanto, deve-se considerar que em sua maioria a sala ainda é evitada pelos alunos.

Perscrutando o ponto de maior choque entre as diferentes territorialidades podemos chegar na conclusão de que se trata principalmente da sala de aula. É onde podemos observar a maioria dos conflitos. Neste sentido a sala de aula inclui todos os grupos sociais ligados à educação: coordenadores, professores, estagiários e alunos. Não por acaso, portanto, é o espaço de maiores conflitos, uma vez que cada um à sua maneira, busca impor sua territorialidade.

Os alunos sendo em grande parte obrigados a respeitar os tempos e espaços do colégio, sentem a sala de aula não como uma territorialidade, mas justamente como prisão. A sala de aula é o espaço tipicamente do professor:

"A aula é um espaço para os estudantes, que estão, mas não são. A prática docente, suas relações assimétricas vaticinam a aula como seu território. A aula é o território do professor. O território não se estabelece à priori, mas a posteriori, decorre das práticas socioespaciais, decorre da forma de apropriação do espaço e das relações de poder que constituem a centralidade e forma de sua constituição." (SOUZA e JULIASZ, 2019, pág. 7)

Sendo espaço do professor, os conflitos surgem a partir dos alunos como tentativa de criação de sua territorialidade, tentativa que surge como "indisciplina", como "bagunça", como tentativa de reverter a territorialidade dos professores e da coordenação.

A ideologia surge de maneira mais latente e visível nestes espaços: cadeiras enfileiradas, alunos de costas uns para os outros demonstrando uma mínima solidariedade, apontados apenas para frente observando a figura máxima do professor. O sinal entre uma aula e outra, tal como o tempo é controlado nos presídios e manicômios, indica o controle de seu tempo, sendo mais um elemento da ideologia da produtividade imposta às escolas. As salas divididas impõem um limite entre os colegas, demonstrando a hierarquia entre os diferentes períodos, no caso do ensino médio: primeiro, segundo e terceiro ano do colegial.

Como num presídio os elementos de poder estão presentes, os professores cumprem a função de verdadeiros guardas, que quando intimidados e preocupados com o andamento da disciplina dos alunos, recorrem a tropa de choque ou a direção do presídio, neste sentido, maus alunos, considerados indisciplinados, são enviados para as salas da direção.

Os estagiários, quando em sala de aula, são completamente absorvidos na posição de alunos, assistem as aulas e, na verdade, funcionam como uma espécie de agente infiltrado. São os símbolos de como os alunos deveriam se portar em cada aula, são orientados mesmo nesse sentido pela coordenação e professores, a manter o silêncio, anotar o que é passado em sala de aula, evitar conversas no horário de exposição e discussão dos assuntos, etc. Assim, revela-se no estagiário a imagem do modelo perfeito de aluno que os demais alunos devem seguir.

Como dito anteriormente o estagiário é o grupo social mais fluido entre os diferentes grupos e, da mesma forma, sua territorialidade é móvel. Quando este, por vez ou outra, assume a função de professor, por exemplo, passa a transitar em diferentes territorialidades e diferentes funções. Como professor exerce mais poder sobre os alunos, lhes determinando as ações, além de passar a frequentar com maior frequência a sala dos professores. O estagiário, portanto, é também professor e aluno, dada as circunstâncias.

Quais seriam então os espaços dos alunos? Principalmente suas zonas de convivência entre as aulas: os corredores e os espaços maiores: quadras, pátios, bancos, etc. A sala de aula se incorpora à sua territorialidade de maneira breve, apenas quando da ausência de grupos de maior poder<sup>4</sup>.

---

4 É justamente um dado das territorialidades sua mobilidade e fluidez (SANTOS e SILVEIRA, 2006).

Os funcionários auxiliares assumem o nível da base destas relações. Geralmente entram mudos nos ambientes, cabisbaixos e assustados. Evitam todos os espaços possíveis além daqueles destinados ao seu grupo. Evitam assim: a coordenação, as secretarias, a sala dos professores, a sala dos estagiários, os espaços de convivência geral dos alunos etc. Seu principal espaço de convivência é principalmente os corredores (pois sempre assumem uma posição de passagem), além de suas diferentes salas próprias, que se encontram separadas do prédio, em outras construções.

Pode-se assim compreender que a dinâmica entre as territorialidades não é única, sendo fundamentalmente contraditória. Espaços que num dado momento se destinam majoritariamente à um grupo, se diferenciam em outros momentos, como é o caso mesmo da sala de aula: o ápice do choque destas territorialidades. Os grupos mesmo não são homogêneos e seus membros, por vezes, assumindo diferentes funções, também assumem diferentes poderes e territorialidades: é o caso dos alunos que se tornam monitores e passam a dar aula na função de professores, é o caso dos estagiários que por vezes assumem a posição de alunos e por vezes assumem a posição de professores, é o caso dos professores que em palestras se tornam ouvintes, etc. Logicamente que a origem destes grupos sempre é mantida como certo símbolo de autoridade, na medida em que, apesar de serem móveis as posições, ainda se mantém muito das autoridades ou submissão de suas origens. Ademais nos resta um último comentário: o da variabilidade no interior destes grupos, que deve ser necessariamente considerada.

## **Grupos sociais, cultura e desigualdade**

No interior de cada grupo anteriormente considerado devemos considerar seus conflitos: desigualdades e contradições. A cultura torna-se assim um elemento fundamental.

O significado mais simples desse termo afirma que a cultura abrange todas as realizações materiais e espirituais de um povo. Em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, no plano material ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos, até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Enfim, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. (CALÇADA e JÚNIOR, 2018, pág. 160)

Observamos assim que cultura se aproxima em grande parte da ideia de tradição, pode-se buscar a origem do termo na própria ideia de “agricultura” ou seja, o fazer crescer, florescer, o cultivar. Neste sentido, os choques no interior desta instituição de ensino não se dão apenas através das classes, o que pode ser observado em relação aos funcionários auxiliares, estagiários, alunos, professores e coordenadores, que, em sua maioria, na mesma tendência de sua hierarquia em função das territorialidades também se encontram antagonizados em diferentes classes sociais (mais pobres – mais ricos, para tornar esta discussão muito mais simples).

Fato é que este antagonismo também se dá através da questão cultural, através da sexualidade e através da raça. Raça e cultura estão certamente aproximadas, mesmo em períodos de globalização, uma vez que a raça diz muito a respeito da origem do indivíduo e, portanto, de suas tradições, sendo assim, pode-se destacar entre o grupo social dos alunos uma parcela que sofre em função de sua origem de classe e cultura: os alunos cotistas. Estes são em sua imensa maioria negros e de renda menor, neste sentido, seus espaços se encontram ainda mais reduzidos em relação aos alunos não cotistas, uma vez que se sentem intimidados ao frequentar certos espaços de convivência, seja pela ausência de seus símbolos de consumo: celular, roupa, material etc. Seja pela sua própria origem que já detecta certos preconceitos.

Os alunos homossexuais e transexuais, por outro lado, surgem também como fundamentais nesta análise, uma vez que se detecta também certas imposições autoritárias a suas condições. Na questão dos alunos e alunas transexuais os espaços de convivência são grandemente prejudicados, o exemplo maior seria o uso dos banheiros. Surge a questão: qual banheiro utilizar? Neste sentido no próprio colégio, um movimento iniciado por uma aluna transexual foi responsável pela criação de um novo banheiro, este no caso, que atende as duas identidades de gêneros além do amplo aspecto LGBTQIA+, assim garantindo através da luta a posse de uma nova territorialidade. O caso desta aluna transexual representa o modo como o espaço escolar, através de suas territorialidades, se torna espaço de disputa, e, portanto, assume diferentes projetos e conflitos que mudam não apenas sua morfologia, mas também sua dinâmica social.

## CONCLUSÃO

A observação das territorialidades e paisagens do colégio Santa Cruz, nos apresenta um espaço fragmentário e desigual, objeto de disputa de diferentes grupos que no seu interior são também fragmentários e desiguais.

A possibilidade de análise de um dado “colégio de elite” em função de suas categorias geográficas nos permite um certo nível de generalização para os demais colégios tanto públicos como privados, sempre, é claro, levando em consideração, as suas características fundamentais relacionadas a cultura escolar local: sua pedagogia, seu entorno, enfim, suas características próprias.

Compreender o espaço do colégio como um espaço de disputa nos prepara para levar em consideração suas peculiaridades em relação ao ensino e dota o professor com maior nível crítico em sala de aula, o que lhe permite compreender e mediar os conflitos de maneira mais adequada.

## REFERÊNCIAS

BOBBIO, MATTEUCCI, PAQUINO. Dicionário de Política. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998ç.

CALÇADA, Luís Antonio; JÚNIOR HERINGER, Bruno. Do multiculturalismo ao interculturalismo: fracasso ou aperfeiçoamento. **REDES**, Canoas, v. 6, n. 2, p. 159-170, 2018.

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. Brasil território e sociedade no século XXI. 9ª ed. São Paulo: Record, 2006.

SANTOS, M. Pensando o espaço do homem. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SOUZA, J. e JULIASZ P. Geografia e Pedagogia: saberes historicamente determinados. In: Boletim Paulista de Geografia, nº101, 2019.